

MENSAGEM

Não podendo estar convosco no Seminário sobre “Imigração ilegal e Tráfico de seres humanos”, por razões de saúde, venho, por este modo, manifestar a minha inteira solidariedade e adesão a uma iniciativa do maior relevo, em que me seria tão grato participar, e que vai, certamente, contribuir para o melhor conhecimento de um fenómeno muito atual e preocupante na vida do nosso País, e, para a reflexão e a mobilização de vontades, com reflexos na vida das pessoas, e, em especial, na daquelas que são mais vulneráveis numa conjuntura de crise económica europeia e nacional, que atravessamos.

Caber-me-ia moderar o painel sobre “A imigração em Portugal, processo migratório e integração”, e, considerando, em particular, este aspeto da problemática das migrações, gostaria, nas breves palavras de saudação que vos dirijo, de começar por uma comparação entre o que hoje se passa dentro das nossas fronteiras e a realidade que conhecemos melhor e há muito mais tempo - a nossa própria diáspora em todos os continentes do mundo. Será importante partir dessa memória de duras experiências, de saudade, de isolamento, com casos tão numerosos de clandestinidade e exploração, - de que é exemplo recente a chamada “emigração a salto”, nos anos sessenta e setenta do século passado - mas também de aspetos mais positivos, sobretudo nas fases seguintes do ciclo migratório, depois da regularização de situações e da adaptação, que permitiram a realização humana e material dos expatriados, a criação de organizações de apoio mútuo e de convívio, a colaboração fraterna com outros imigrantes e com os povos que os receberam. Feito o balanço, a aventura coletiva de uma geração sofrida, (incluindo muitos homens e mulheres que foram obrigados pelas circunstâncias a entrar ilegalmente, nos países de destino, na Europa e em outros continentes) é uma história de coragem, de luta, de contribuição para o progresso económico e para o dinamismo inter cultural das sociedades estrangeiras de acolhimento. Por isso, com a lição da longa prática emigratória dos Portugueses, deveremos estar, naturalmente, mais abertos à compreensão das imensas potencialidades e do enorme enriquecimento que representam os trabalhadores estrangeiros entre nós, os imigrantes, desde que lhes saibamos dar as devidas condições de integração. Enriquecimento tanto do ponto de vista cultural como económico e até, também, do ponto de vista demográfico, num País, com tão baixas taxas de natalidade e uma população envelhecida.

Os estrangeiros que nos procuram, como nós tradicionalmente demandámos outras terras, chegam com a mesma capacidade de adaptação e interação, a mesma vontade de melhorar a sua condição, a mesma força de trabalho e de impulso a mudanças construtivas de que nós sempre demos abundantes exemplos.

A concretização das esperanças e dos projetos de fixação dos imigrantes dependem muito de nós, do ambiente de que soubermos rodeá-los, de um relacionamento humano que é a base da perfeita integração. A ligação ao novo país – sem evidentemente, esquecer o de origem – para além dos indispensáveis apoios de instituições públicas e privadas, de boas leis e de boas práticas, passa pela atitude das pessoas, de cada um de nós, pela simpatia e pela estima que formos capazes de lhes demonstrar, e a que eles não deixarão de corresponder.

Temos todas razões para pensar que a nossa sociedade saberá prosseguir o movimento de solidariedade com que, de uma forma discreta e espontânea, recebeu uma primeira inesperada e enorme vaga de imigrantes –os do leste europeu. De facto, nas décadas de oitenta e início de noventa, os imigrantes, de que já se falava bastante, vinham, em números relativamente modestos, gradualmente, e, na sua maioria, de países de língua portuguesa, das antigas colónias de África e do Brasil, pelo que a sua adaptação era muito facilitada pelo idioma comum. Em fins do século passado e no século XXI, a queda do muro de Berlim e um surto de desenvolvimento nacional, em boa parte ancorado em grandes obras públicas, atraiu a chamada "nova imigração"

de leste - dezenas de milhares, chegados num curtíssimo espaço de tempo, muitos em situação irregular, deparando com empregos abaixo das suas qualificações, e, sobretudo, com burocracias instaladas, ausência de ajuda e suporte institucional, impreparação geral para lidar com fenómeno de uma desmesurada extensão. E é significativo que as primeiras e decisivas formas de preocupação e auxílio tenham vindo dos próprios cidadãos, das organizações da sociedade civil, e, em particular, das ligadas à Igreja Católica, que se anteciparam ao Estado, numa relação de proximidade com os imigrantes. Só depois o Estado foi intervindo, nomeadamente através da criação do Alto-comissário para as Minorias Étnicas, atualmente ACIDI, um departamento dirigido por uma sucessão de notáveis personalidades, que, em conjunto com outros serviços públicos, muito tem contribuído para a tomada de consciência das realidades e para a materialização de medidas de proteção e desenvolvimento de políticas de imigração, hoje destacadas e reconhecidas, a nível internacional.

De entre os meios jurídicos de apoio à boa integração é de salientar a nova lei da nacionalidade, que deixou de ser fundada exclusivamente no "jus sanguinis", nos laços de sangue, para admitir, em determinado condicionalismo, também, o "jus solis", em benefício dos filhos dos imigrantes, das segundas gerações. A aceitação da sua pertença à sociedade portuguesa - assim como a dos pais, através da simplificação do processo de naturalização - são, a meu ver, poderosos fatores de enraizamento na terra de acolhimento, sobretudo quando conjugados com a permissão da dupla nacionalidade, (para não forçar, no plano jurídico, rupturas a pátria de origem). No mesmo sentido vão as leis que permitem a participação política, a começar pelo nível local.

Integrar é, antes de mais, dar cidadania - reconhecer a pertença de facto e a igualdade jurídica àqueles que aqui estão para viver e que não mais devemos considerar e tratar como estrangeiros. Uma visão humanista da imigração é a única que dá a dimensão da qualidade da nossa gente e da nossa democracia - uma democracia abrangente, aberta aos imigrantes, que nela têm o seu lugar, a sua voz, o seu futuro.

Maria de Jesus Barroso Soares